



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE - PB
CENTRO DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES**

JAYNE LEAL DE OLIVEIRA

**A AMBIGUIDADE COMO GATILHO PROVOCADOR DO RISO: O DISCURSO
RACISTA NO GÊNERO DISCURSIVO PIADA**

**CAMPINA GRANDE – PB
2016**

JAYNE LEAL DE OLIVEIRA

A AMBIGUIDADE COMO GATILHO PROVOCADOR DO RISO: O DISCURSO
RACISTA NO GÊNERO DISCURSIVO PIADA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como parte das exigências para obtenção do título de Licenciado em Letras.

Área de concentração: Análise Dialógica do Discurso

Orientadora: Profa. Dra. Alfredina Rosa Oliveira do Vale

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

O48a Oliveira, Jayne Leal de
A ambiguidade como gatilho provocador do riso [manuscrito]
: o discurso racista no gênero discursivo piada / Jayne Leal de
Oliveira. - 2016.
42 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2016.
"Orientação: Profa. Dra. Alfredina Rosa Oliveira do Vale,
Departamento de Letras e Artes".

1.Linguística aplicada. 2.Análise do discurso. 3.Discurso
racista. 4.Preconceito racial. I. Título.

21. ed. CDD 418

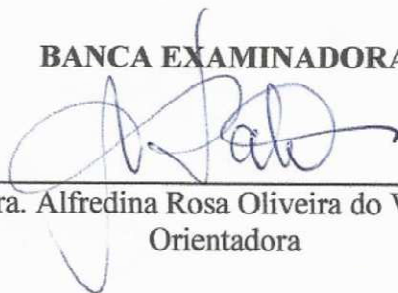
JAYNE LEAL DE OLIVEIRA

A AMBIGUIDADE NO DISCURSO RACISTA: UM ESTUDO VOLTADO PARA O
GÊNERO DISCURSIVO PIADA

Trabalho de conclusão de Curso apresentado como requisito para
obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras, habilitação Língua
Portuguesa, pelo Departamento de Letras e Artes, do Centro de Educação
da Universidade Estadual da Paraíba.

Aprovada em 01/12 2016.

BANCA EXAMINADORA



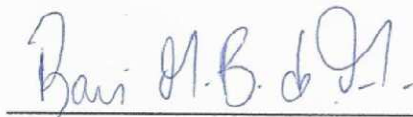
Prof. Dra. Alfredina Rosa Oliveira do Vale – UEPB
Orientadora

- NOTA

10,0

Tânia Maria Augusto Pereira - NOTA 10,0

Prof. Dra. Tânia Maria Augusto Pereira
Examinadora



Prof. Ms. Raniere Machado Bezerra de Melo
Examinador

- NOTA

10,0 (T^{de})

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, fonte de toda misericórdia e bondade, por ter me concedido saúde, força, disposição e paciência, por sempre me guiar nos caminhos árduos da vida, e por sempre renovar em meu coração a fé que move montanhas.

Aos meus pais, Joselânia e Geandro, por todo o cuidado, amor, afeto, por todos os conselhos e por serem minha base e não terem desistido de partilhar junto comigo essa grande realização da minha vida profissional.

Ao meu irmão Jean, pela paciência e ajuda de sempre, mas principalmente, pelo carinho e amor fraterno.

Ao meu noivo Edgar, pelo cuidado constante e por sempre manter-se ao meu lado, dando-me amor e fazendo-me acreditar mais em meu potencial.

Aos familiares, por estarem sempre presentes em minha vida, dando-me forças para acreditar sempre na realização dos meus sonhos.

Aos amigos, por estarem sempre dispostos a ajudar naquilo que fosse preciso e por ensinarem como faz bem partilhar conhecimentos.

À orientadora, Dr.^a Alfredina Rosa Oliveira do Vale, por ter desempenhado vários papéis importantes, mãe/amiga/professora, e por ter compartilhado saberes, guiando-me de forma sábia na produção deste trabalho.

Aos professores, Profa. Dr.^a Tânia Maria Augusto Pereira e Prof. Ms. Raniere Machado Bezerra de Melo, por terem aceitado o convite para compor a Banca e por também fazerem-se presentes neste grande momento da minha vida acadêmica.

A todos os meus professores que fizeram parte da minha formação e que despertaram em mim o desejo de exercer essa difícil, porém belíssima, tarefa de ensinar.

Minha eterna gratidão a todos!

“Talvez não tenha conseguido fazer o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser, mas graças a Deus, não sou o que era antes.”

Marthin Luther King

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar no discurso humorístico, o discurso racista no gênero discursivo piada. Especificamente, procuramos verificar os fatores sócio-histórico-culturais que marcam ideologicamente o preconceito camuflado no discurso humorístico, e ainda, revelar o preconceito racial através do fenômeno da ambiguidade, com o intuito de analisar os efeitos de sentidos encontrados nesse discurso, levando em consideração aspectos culturais e históricos. Buscamos desenvolver tal pesquisa utilizando como aparato teórico a Análise Dialógica do Discurso, proposta nos estudos de Bakhtin (2006), defendida por estudiosos como, Rodrigues (2007), Müller e Viotti (2005). Também tivemos as contribuições teóricas de Possenti (1998, 2001), por ser um pesquisador renomado no campo do discurso humorístico. Buscamos utilizar conhecimentos de cunho histórico já que perpassamos um olhar para a escravatura, indicando um provável surgimento do racismo nessa época, dessa forma, utilizamos as abordagens feitas pelo estudioso Andrade (1989), e outros estudiosos que contribuíram, de forma satisfatória, no embasamento teórico deste trabalho. Constatamos que é perceptível nesses discursos (humorístico e racista) que o preconceito racial tornou-se evidente e forte ao mesmo tempo, pois veiculam ideologias que ficaram fortemente marcadas na sociedade, desde a época da escravatura e que persistem até os dias atuais.

Palavras-chave: Linguística aplicada; Análise do discurso; Discurso racista; Preconceito racial.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo analizar el discurso humorístico, el discurso racista en lo genero discursivo de las chiste. Específicamente, procuramos verificar los factores socio-histórico-culturales que marca ideológicamente el preconcepto disimulado en el discurso humorístico, y todavía, revelar el preconcepto racial de lo fenómeno de la ambigüedad, con el intuito de analizar los efectos de los sentidos encontrados en este discurso, levando en consideración aspectos culturales y históricos. Buscamos desarrollar tal investigación utilizando como aparato teórico, la analice dialógica del discurso, propuesta en el discurso de Bakhtin (2006), defendida por estudiosos como, Rodrigues (2007), Müller e Viotti (2005). También tuvimos las contribuciones teóricas de Possenti (1998, 2001), por ser un pesquisador renombrado en el campo del discurso humorístico. Buscamos utilizar conocimientos históricos ya que vimos la esclavatura con un ollar distante, indicando un probable surgimiento de lo racismo en esta época, de esta forma, utilizamos las abordajes hechas por el estudioso Andrade (1989), y otros, que contribuirán, de forma satisfactoria, en el embasamiento teórico de este trabajo. Comprobamos que es perceptible en estés discursos (humorístico y racista) que el preconcepto racial se tornó evidente y fue al mismo tiempo, pues llevan ideologías que se quedaron fuertemente en la sociedad, desde la época de la esclavatura y que persisten hasta los días de hoy.

Palabras-llave: Lingüística Aplicada; Análisis del discurso; Discurso racista; Preconcepto raciales.

LISTA DE EXEMPLOS

Exemplo 1 – O negão.....	15
Exemplo 2 – A criação dos homens.....	17
Exemplo 3 – Preto no branco.....	21
Exemplo 4 – O negro e a Fórmula 1.....	23
Exemplo 5 – Rolo compressor.....	26
Exemplo 6 – Padre racista.....	31
Exemplo 7 – Empréstimo a São Benedito.....	33
Exemplo 8 – Piada de bêbado.....	34
Exemplo 9 – O anjo.....	36
Exemplo 10 – O lixão	37

SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	9
2. O RACISMO: OS FATORES HISTÓRICOS ESCRAVOCATAS.....	12
2.1. A piada: um gênero discursivo.....	14
2.2. Etnia, raça e cor: usos discursivos e sociais.....	16
2.3. Ideologia e racismo: construção discursiva da identidade étnica.....	20
3. MIKHAIL BAKHTIN: ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO.....	26
3.1. Discurso racista e humorístico: um diálogo possível.....	30
3.2. A constituição do discurso racista no gênero discursivo piada.....	35
3.3. A ambiguidade: o gatilho provocador do riso.....	36
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A referente pesquisa tem como objeto de estudo os discursos racista e humorístico contido no gênero discursivo piada. Tal temática está sendo abordada por percebermos que ainda é muito raro encontrar no meio acadêmico estudos voltados para o gênero discursivo piada.

O motivo pelo qual esse gênero discursivo pode/deve ser utilizado em pesquisas científicas é por apresentar uma gama de aspectos, bem como: fatores ideológicos, históricos e sociais, que oferecem meios de serem estudados para a compreensão de estudos discursivos. Mesmo que alguns estudiosos já tenham proposto realizar um estudo do tipo, é notável ainda que o gênero em questão é visto como “menor” com relação a outros existentes, tais como, o romance, a poesia, a notícia jornalística, as campanhas publicitárias, entre outros, ainda que as pesquisas já apresentem alguns avanços.

Apresentaremos a temática do racismo por estar bastante presente nos dias atuais na sociedade brasileira, tornando-se assim nosso objeto de estudo. Olharemos para tal discurso fazendo uma abordagem histórica, desde a época da escravidão, abordando questões que contribuíram para uma possível origem do racismo em nosso país e, em seguida, trilharemos uma análise do discurso racista verificado no gênero discursivo piada, com o intuito de esclarecermos o preconceito que mostra-se opaco no discurso humorístico.

Elencamos como objetivo geral analisar no discurso humorístico o discurso racista no gênero discursivo piada. Como objetivos específicos pretendemos: a) verificar os fatores sócio-históricos-culturais que marcam ideologicamente o preconceito racial camuflado no discurso humorístico; b) revelar o preconceito racial através do fenômeno da ambiguidade. Buscaremos dessa forma, responder a seguinte questão problema: De que maneira é instaurado o preconceito racial presente no discurso humorístico?

Temos como hipótese a ideia de que o preconceito racial começa a ser instaurado no discurso humorístico quando esse discurso começa a carregar ideologias fortemente marcadas na sociedade e é direcionado aos grupos menos favorecidos. O discurso humorístico veicula preconceitos camuflados no meio social, ou seja, discursos que são politicamente incorretos e que devem ser evitados na sociedade por atingir de forma cruel, determinadas etnias.

Metodologicamente, a natureza da pesquisa é qualitativa, já que diz respeito a um conjunto de diversas técnicas interpretativas como, por exemplo, a analítica e documental. Segundo Neves (1996), ambas são constituídas através de exames de materiais que ainda não receberam uma análise ou que ainda podem ser reexaminados em busca de novas interpretações ou interpretações complementares.

Para isso, realizaremos a análise do discurso racista contido no discurso humorístico, recorrendo à duas categorias de análise: o preconceito (na perspectiva do discurso) e a ambiguidade (na perspectiva linguística).

Este trabalho apresenta, além desta introdução, das considerações finais e referências, dois capítulos, que contém o embasamento teórico e a análise do *corpus*, respectivamente. O primeiro capítulo apresenta um panorama histórico, perpassando um olhar para fatores históricos, bem como para escravatura, possibilitando o surgimento do racismo a partir dessa época, Com base nas explanações de Pinsky (1999), Andrade (1989) e Possenti (1998).

Este capítulo é subdividido em três tópicos: o primeiro apresenta considerações sobre o gênero discursivo piada; o segundo traz abordagens sobre etnia, raça e cor, uma relação com usos discursivos, mostramos que os negros são tratados como seres inferiores e que isso é perceptível nos usos discursivos, que apontam claramente o preconceito. Utilizamos como teóricos Van Dijk (2008) e Woodward (2014). O terceiro traz a relação da ideologia e racismo atrelados à construção discursiva da identidade étnica, através das explanações de Van Dijk (2008), Van Dijk (2015) e Woodward (2014).

O segundo capítulo apresenta questões importantes acerca da teoria Dialógica do Discurso defendida pelo estudioso Mikhail Bakhtin. Tal teoria servirá de embasamento teórico para realizarmos a análise do *corpus*. Utilizamos essa teoria por ela confirmar que a língua é a materialidade do discurso, não podendo ser dissociada de seus falantes, é preciso vê-la de acordo com a esfera social do falante, tendo relevância aspectos culturais e ideológicos que estabelecem sentidos no discursos. Nesse capítulo, utilizamos como embasamento teórico Fiorin (2006), Rojo e Barbosa (2015), Bakhtin (2003), Santos (2012) e Santos e Lunardelli (2010).

Este capítulo também está subdividido em três tópicos. O primeiro aborda a relação dos discursos racista e humorístico. Iniciamos com uma breve retomada do humor na civilização grega para entendermos como esse humor era visto na época, tido como perigoso,

podendo ser desagradável em certas ocasiões. Retomamos para os dias atuais e constatamos que muita coisa não mudou e que o humor ainda tem esse lado desagradável e que ainda utiliza-se de temas polêmicos encontrados no meio social. Temos como teóricos nesse tópico, Bremmer e Roodenburg (2000) e Possenti (1998).

O segundo tópico apresenta-se mais delimitado, traz a constituição do discurso racista no gênero discursivo piada. Entendemos que a piada, sendo um gênero discursivo de cunho humorístico, aborda temáticas que estão cada vez mais refletidas na sociedade, revelando o preconceito. São tratadas questões que geram polêmica, como o racismo, e que estão cada vez mais presentes no social. Temos como teórico Possenti (1998) e (2001).

O último tópico do segundo capítulo apresenta o fenômeno que será analisado em nosso *corpus*, a ambiguidade, fenômeno que explica a opacidade presente no discurso humorístico e racista e que mostra meios pelos quais fazem os sujeitos rirem de temáticas tão polêmicas, como é o caso do racismo, sendo constitutivo do humor. Indicamos também os tipos de ambiguidade com suas características que podem estar presentes nos discursos, a sintática e a lexical. Utilizamos como teóricos Possenti (1998) e (2001), Carvalho (1999) e Vale (2010).

2. O RACISMO: OS FATORES HISTÓRICOS ESCRAVOCRATAS

Entendemos ser de extrema importância buscar nos fatores históricos escravocratas o “fio da meada” do possível surgimento do racismo instaurado no Brasil.

De acordo com Pinsky (1999, p. 23), “uma das sequelas da escravidão foi ter deixado muito marcada no Brasil a separação entre o trabalho braçal e o intelectual”. O preconceito com o negro tem raízes históricas, e isso decorre da época da escravidão, em que os negros serviam para trabalhos braçais e nada mais que isso. Eram vistos como mercadorias que tinham um único fim: servir aos seus senhores.

Dessa forma, houve uma separação, em que os negros serviam apenas para trabalhos que exigiam força e os brancos para trabalhos intelectuais. Foi assim, que ficou muito evidente essa separação de etnias até os dias atuais.

Acreditamos que a escravidão é um fator que favoreceu o surgimento do racismo, não só no Brasil como em outros países, e teve início na época da Colonização, quando os colonizadores europeus resolveram explorar as terras africanas a fim de enriquecerem às custas das riquezas naturais que o território africano possuía. Isso aconteceu quando os portugueses procuraram contornar a costa africana em busca das riquezas acumuladas, quais sejam: produtos tropicais, ouro, e até mesmo escravos.

Na costa africana, os portugueses se lançaram ao saque das cidades em que podiam obter riquezas acumuladas, ao escambo de produtos tropicais – como a malagueta – à procura de ouro e à apreensão de escravos negros que transportavam para o território metropolitano e para as ilhas do Atlântico, de que já haviam se apossado. (ANDRADE, 1989, p. 11)

Mesmo com a conquista dos europeus em terras africanas, quando, no século XV, tentando encontrar o caminho para as Índias, contornaram o continente africano, as leis e costumes africanos permaneceram vivos. Os europeus encontraram ao longo da sua viagem, áreas organizadas e divididas em Estados, encontraram também regiões tribais, onde acontecia a política primária e organizações sociais.

Os europeus, nesse período, criaram feitorias em lugares estratégicos para transação comercial, que mais tarde seriam colônias destinadas à comercialização de escravos. Como

afirma Andrade (1989, p. 20), “o comércio mais vantajoso, a partir dos fins do século XVI, foi o de escravos”. Tornou-se um comércio vantajoso não só para os portugueses, como também ingleses e holandeses que queriam desenvolver seu comércio no Caribe e enviar trabalhadores para América espanhola.

Foi nesse período que os portugueses implantaram feitorias em lugares mais favoráveis ao comércio ou de maior valor estratégico, que permitiriam, posteriormente, a formação de colônias destinadas sobretudo ao comércio de escravos. (ANDRADE, 1989, p. 20)

O interesse pelas terras africanas só aumentava. Por isso, os europeus tinham um grande desejo de ocupar a África para conseguir usufruir das riquezas que o continente oferecia. A partir de 1870 o imperialismo conquistou maior importância, e foi a partir dessa época que os países europeus consolidaram a exploração do interior da África e dividiram o continente entre eles.

Não somente os ingleses e franceses tinham interesses pelas terras africanas, como também os espanhóis, ocupando alguns territórios de menor importância e, os portugueses que mesmo não sendo tão importantes no contexto mundial, conseguiram conservar ricas e grandes colônias. É o que constatamos nas palavras de Andrade (1989, p. 24).

Mas não eram só franceses e ingleses que disputavam a África. Os espanhóis conservaram alguns territórios de menor importância, e os portugueses, apesar da perda de importância do seu país no contexto mundial, conservaram ricas e grandes colônias até os anos 70.

Após a Segunda Guerra Mundial, surgiram mudanças, os impérios coloniais tiveram que fazer concessões e se reestruturar. As posições ideológicas das elites eram variadas e dinâmicas, algumas almejavam a independência como mudança radical e outras visavam apenas a separação política da metrópole.

Ainda havia também a entrada de potências não europeias na disputa de áreas de influência no território africano. Após a independência, os Estados se agruparam em blocos e alianças diversificadas, porém, a pobreza e as baixas condições sanitárias ainda permaneceram na África.

Mesmo com a contenda entre os europeus para ocuparem mais terras africanas, apoderando-se, assim, das riquezas existentes, o povo africano nada garantia de melhor para suas vidas. Viviam em péssimas condições, testemunhando a exploração de suas terras e de suas riquezas para o enriquecimento e engrandecimento de povos de outros países.

Como já foi dito, a exploração do território africano tratava-se de um comércio vantajoso e lucrativo para os colonizadores. Esses mesmos colonizadores começaram a explorar os negros como mão de obra barata para cuidarem de serviços braçais. E assim, os africanos foram chegando ao Brasil para trabalhar nos canaviais de cana-de-açúcar e nas safras de café. É neste momento histórico brasileiro que percebemos a implantação do racismo em nosso país.

No início da escravidão, aqui no Brasil, os africanos eram vendidos por preços que os “valorizavam”, visto que eram mais “caros” que os índios. Porém, ao longo dos anos a situação foi mudando, mais negros eram traficados para o Brasil para suprir a necessidade de mão de obra e dar lucro aos portugueses pelo seu serviço. Eram comercializados e como forma de pagamento eram trocados por tecidos, armas, entre outros. Eram vistos como “coisas” que podiam ser trocadas ou vendidas.

Essa ideia de inferiorizar o africano com base na sua etnia define quem é superior (o branco) e quem é inferior (o negro). Essa dicotomia ficou muito marcada na sociedade. Podemos perceber isso em nosso cotidiano, nas funções profissionais, nas Universidades, nas conversas do dia a dia e bem particularmente na piada, gênero discursivo revelador de carga ideológica racista.

2.1 – A piada: um gênero discursivo

Os vários discursos – científico, jornalístico, familiar, religioso, popular, racista, político –, que permeiam a sociedade, são materializados em gêneros primários (simples) e secundários (complexos), de acordo com o pensamento bakhtiniano. Em outras palavras, o discurso constitui-se e desenvolve-se em uma determinada forma de gênero.

A piada, sendo um gênero que propaga o discurso humorístico, tem como função principal provocar o riso tratando de temas polêmicos, os quais são proibidos de ser vinculados em gêneros outros, a exemplo do edital, da notícia, da prece, do memorial etc., que

precisam usar uma linguagem politicamente correta. Assim, a piada é um gênero que difunde “um discurso proibido, subterrâneo, não oficial, que não se manifestaria, talvez, através de outras formas de coletas de dados, como entrevistas” (POSSENTI, 1998, p. 26). Vejamos o exemplo (1), a seguir:

Exemplo 1 – O negão ¹

Um negão estava andando com seu BMW novinho pelas ruas da cidade quando, de repente, um pneu furou. O negão parou o carro para trocar o pneu. Quando estava tirando o pneu furado, passou outro negão pela rua que, ao ver o carro, parou do lado do mesmo e deu uma bela porrada no vidro, reduzindo-o a cacos. O dono do carro ficou furioso: - Que é isso? Olha o que você fez, seu filho da puta! Vou te dar porrada!!! O outro negão respondeu: - Calma! Pode roubar o seu pneu sossegado. Eu só vou levar o toca-fitas...

Acessado em 05/08/2015

Disponível em <http://piadistasdeplanta.no.comunidades.net/piadas-racistas>

No exemplo (1), o preconceito racista é bastante evidenciado. E o que mais desperta a atenção é que se trata do preconceito do negro contra si mesmo. Ou seja, a introjeção do racismo pelo negro. Um tipo de preconceito paradoxalmente contraditório.

A ideia de que os negros são inferiores aos brancos e que por isso mesmo não podem ocupar cargos de poder nem possuir bens materiais valiosos, ainda se faz presente na sociedade. Um modelo de relação social construído a partir de uma sociedade escravista. Ou seja, um padrão de sociedade que tenta manter uma distância social e política entre duas etnias.

Por conseguinte, o preconceito racial é possível de ser observado em grande parte da população brasileira, e o mais cruel, se faz presente dentro da própria etnia, ou seja, do negro contra o próprio negro. É uma visão distorcida, certamente, da valorização da sua auto-imagem. Ele nasce, cresce e torna-se adulto sendo visto como “ninguém”. Sendo observado, em lugares públicos, com desconfiança. Fazendo parte da maioria da população que vive na pobreza ou na miséria absoluta. E conclui que todos, ou a maioria de sua etnia, enveredam pelo mesmo caminho: a marginalização.

¹ Piadas transcritas ipsi litteris

Muitas vezes, o próprio negro não tem consciência da realidade perversa que o cerca. Sente-se impotente para competir com o branco. Descendentes de escravos, os negros brasileiros são submetidos às piores condições de sobrevivência, levando uma vida marginal, particularmente nas grandes cidades. Escanteados desde a mais tenra idade, os negros, muitas vezes, tornam-se marginais.

Conforme Andrade (1989), o Brasil tem uma grande afinidade com os países africanos, e sua credibilidade decorre do fato de ele não ter sido um país colonizador, e sim colonizado. Ou seja, vivenciamos o mesmo que os africanos suportaram. Vimos nossas riquezas sendo exploradas para o enriquecimento da nação portuguesa e outros povos. Também pelo fato de ser um país mestiço, apresenta um grande número de negros e mulatos entre a população local. Ainda assim, nosso país carrega em sua cultura um racismo muito evidenciado.

Os colonizadores exploraram, de forma desumana, os negros por se considerarem superiores, e deixaram como herança a ideia de que os negros são inferiores aos brancos. E que, por incompetência, não pertencem à classe média/alta da sociedade. Em sendo assim, servem apenas para desempenhar serviços braçais, que não exija muito do raciocínio lógico. Reconhecidos como marginais (Exemplo 1), os negros são segregados, perdem a autoestima e admitem como verdade a sua inferioridade diante dos brancos. Com algumas exceções, naturalmente.

2.2 – Etnia, raça e cor: usos discursivos e sociais

No cotidiano, dificilmente termos como *negro*, *preto*, entre outros, são utilizados, no Brasil, de maneira natural e/ou espontânea. Termos como *moreno*, *pardo*, *marronzinho* são bem mais utilizados, em uma evidente tentativa de “mascarar” e ocultar no discurso o preconceito racial. É uma clara tentativa de tornar a linguagem neutra em termos de discriminação (como se fosse possível), na busca do politicamente correto, procurando evitar ofensas ao grupo dos afrodescendentes.

Dessa forma, a expressão etnia começou a ser bastante usada pelos cidadãos brasileiros. Como afirma Van Dijk (2008, p. 165), “temos visto que as pessoas negam, mitigam, justificam ou escusam atos negativos contra minorias, a fim de enfatizar sua

concordância com a lei e as normas e de acentuar seu papel como cidadãos competentes e decentes”.

A negação do racismo acontece justamente quando os sujeitos utilizam-se de termos e usos discursivos politicamente corretos, procurando camuflar seu preconceito para com os afro descendentes; seguindo o é proposto legalmente e, portanto, “cumprindo” seu papel de cidadão. Porém, mesmo fazendo uso de expressões e/ou termos aparentemente não ofensivos, é perceptível o preconceito para com o negro, principalmente, quando se faz uso do termo “raça” que remete à questões biológicas.

Sabemos que o termo “raça” diz respeito à divisão tradicional e arbitrária dos grupos humanos, determinada pelo conjunto de caracteres físicos hereditários (cor de pele, formato de cabeça, tipo de cabelo etc.). Todavia, este termo etnograficamente é rejeitado por se considerar a questão cultural de maior relevância do que o fator racial (HOUAISS, 2001).

Do termo raça surgiram os termos *racial* e *racismo*. Racismo é, portanto, entendido como a ideologia que estabelece a hierarquia entre as “raças”, ou melhor, entre as etnias. Logo, é uma doutrina ou sistema que estabelece a superioridade de uma “raça” (considerada superior), sobre outra(s), considerada(s) inferior (es).

Surge desta formação discursiva o preconceito, muitas vezes extremado, considerando indivíduos pertencentes a uma determinada etnia como inferiores (negros), em relação a outra etnia (brancos) (HOUAISS, 2001). Assim, o termo “raça” implica atitudes de discriminação e perseguição contra os afrodescendentes. Podemos constatar isso no exemplo (2), a seguir:

Exemplo 2 – A criação dos homens

DEUS ESTAVA A FAZER OS HOMENS COM SUA MÁQUINA, ELE FAZIA 300 RAÇAS POR VEZ.SÓ QUE TINHA QUE FAZER OUTRAS COISAS ENTÃO CHAMOU UM ANJO E EXPLICOU;

VOCÊ FAZ 300 DE CADA RAÇA E VAI PONDO EM FILEIRA.

O ANJO ENTÃO COMEÇOU 300 ALEMÃES, 300 ESPANHOIS, 300 ARGENTINOS E ASSIM POR DIANTE.

QUANDO CHEGOU NA VEZ DOS NEGROS DEU UMA TREMENDA DOR DE BARRIGA,

O ANJO POS A MAQUINA PARA FUNCIONAR E FOI AO BANHEIRO. QUANDO
VOLTOU TINHA
500 NEGRÕES ENTÃO O ANJO EXCLAMOU!!!!
_NOOOOSSA FOI SAIR 500 NEGROS DEUS VAI ME CASTIGAR.
DEUS CHEGA E O ANJO FALA DEUS DEU TUDO CERTO MENOS UMA COISA.
_DEUS PERGUNTA O QUE ???
_SAIU 500 NEGROS E AGORA !!!!
_AGORA PEGA 300 POE JUNTO AOS OUTROS E OS OUTROS 200 COLOCA UM
RABINHO E JOGA NA MATA!!!!

Acessado em 03/05/2015

Disponível em www.sergeicartoons.com/piadas_engracadas_de_negros/

É interessante observar, no Exemplo (2), que a referência feita à etnia branca diz respeito à nacionalidade: alemães, espanhóis e argentinos, que remete para um povo e, conseqüentemente, para a sua cultura. A referência feita aos africanos remete para a cor da pele (negros / negrões), característica biológica, portanto, para a “raça”, termo, na piada, mencionado, explicitamente, duas vezes. O preconceito se concretiza no desfecho da piada: “pega 300 e põe junto aos outros e nos outros 200 coloca um *rabinho* e joga na mata”. Uma alusão clara à figura do *macaco*, animal irracional.

Sabemos que perceber o afrodescendente (o negro) como um animal irracional é exatamente o que justificaria no Brasil, por exemplo, a escravidão. Lembramos que os portugueses eram (e são) um povo de maioria católica, e, como tal, deveriam respeitar o mandamento que afirma que devemos “amar o próximo como a nós mesmos”. Ora, o próximo de um humano é outro humano, isto é, um ser racional. O próximo / semelhante do negro seria o *macaco*, portanto, um ser irracional. Logo, apoderar-se de irracionais para servir o homem (o racional), das mais variadas maneiras, é “natural”, pois usamos dessa prática ainda hoje, em pleno Século XXI. Seguindo essa lógica ilógica e cruel, o afrodescendente ainda hoje é tido como um ser inferior, visto que muitos ainda afirmam / defendem que o negro é semelhante ao macaco. Este, o macaco, é o seu próximo mais próximo.

De acordo com Dijk (2008), na maioria das vezes, são os brancos que detêm o poder, já que têm o acesso mais facilitado aos meios de comunicação de massa. Eles apresentam o

discurso dominante e definem de maneira persuasiva o *status quo* étnico, através da negação da discriminação ou racismo. Porém, o acesso às reportagens ou matérias jornalísticas dos grupos minoritários da sociedade difere dos grupos majoritários, pois quando estes grupos minoritários questionam ou apresentam alguma acusação à sociedade, são questionados.

[...] a maioria das elites de poder é branca e seu poder implica acesso preferencial aos meios de comunicação de massa, aos discursos políticos de tomada de decisão, aos discursos da burocracia e ao sistema legal. (DIJK, 2008, p. 97)

“Você olha para o seu rabo, macaco!” Este enunciado foi proferido Nádía Restum, professora do Instituto de Educação Clélia Nanci, em São Gonçalo, na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, dirigindo-se ao seu aluno afrodescendente de 14 anos. O fato ocorreu em 21 de setembro de 2016 e publicado na Internet¹. Vejamos o depoimento de Ana Paula, mãe do garoto.

O que veio ao meu conhecimento, até mesmo por parte da diretora, que havia centenas de queixas, sendo que nenhuma com provas concretas. Era a palavra de alunos e de uma professora. Infelizmente ou felizmente, a direção preferiu dar apoio à professora. Só que infelizmente ela teve a má sorte de pegar meu filho e de ter os amigos dele na sala e com o celular ligado.

Dessa forma, percebemos que a cultura molda a identidade, é como se houvesse um modelo a ser seguido, um único modelo de identidade, que define quem está incluído e quem não está incluído na sociedade, o que deve ser seguido e o que não deve ser seguido.

Os sistemas simbólicos fornecem novas formas de se dar sentido à experiência das divisões e desigualdades sociais e aos meios pelos quais alguns grupos são excluídos e estigmatizados. (WOODWARD, 2014, p. 20)

Outro fator que insere-se na questão de novas identidades é a globalização, pois envolve questões econômicas e culturais que provoca mudanças nos padrões de produção e, sobretudo, de consumo.

¹ Vídeo mostra professora chamando aluno de “macaco” em escola do RJ. Globo.com. Disponível em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/09/video-mostra-professora-chamando-aluno-de-macaco-em-escola-do-rj.html>

Vemos que, geralmente, os padrões de beleza que são aceitáveis e mostrados nos meios comunicação de massa são relacionados às pessoas de pele mais clara, de cabelos lisos, visto que os negros são comparados aos macacos com o intuito de ter diminuído o seu real valor de ser humano (racional), pelo simples fato de não serem brancos.

A globalização envolve uma interação entre fatores econômicos e culturais, causando mudanças nos padrões de produção e consumo, as quais, por sua vez, produzem identidades novas e globalizadas. (WOODWARD, 2014, p. 21)

Os usos discursivos têm o poder de apontar / definir / construir caminhos os quais devem ser seguidos, é o que o Woodward (2014, p. 18) afirma: “Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar.” Por meio dos usos discursivos, é estabelecida a posição de como os sujeitos devem se impor na sociedade, como, por exemplo, o negro, que é tido como pertencente a uma “raça” inferior aos brancos, é estigmatizado e raramente ocupa cargos de poder.

2.3 Ideologia e racismo: construção discursiva da identidade étnica

De acordo com Dijk (2008), o discurso e a comunicação exercem um papel central na transformação da ideologia, e esses fatores ideológicos referem-se aos valores, metas e princípios socialmente relevantes para os interesses do grupo visto como um todo. São as elites simbólicas que controlam o discurso midiático e educacional, dessa forma, detêm o poder e passam a exercer influências na reprodução ideológica.

Essa estrutura ideológica em si consiste em normas, valores, metas e princípios socialmente relevantes que são selecionados, combinados e aplicados de forma tal a favorecer a percepção, interpretação e ação nas práticas sociais que beneficiam os interesses do grupo tomado como um todo. (DIJK, 2008, p. 48)

A fala racista, mesmo com uma certa ocultação do racismo expresso de forma verbal, dá-se por conta das mudanças de normas e leis. As ofensas raciais ainda se fazem presentes nos discursos, na fala rotineira das pessoas. Aqui, recaímos então na questão da

estereotipagem, ou seja, o conflito étnico que se faz presente nos diferentes estilos do discurso; esses, por sua vez, provocam equívocos. Os diálogos que são realizados dentro de instituições também revelam, apresentam, legitimam um certo poder.

No discurso racista, a elite é composta por brancos, já que para essa elite, os negros são submissos e inferiores. Não assumem posições de prestígio na sociedade, não têm competência para adquirir uma boa formação intelectual. Por serem incompetentes, não possuem bens materiais valiosos. Servindo à população de pele clara os negros, em sua maioria, continuam dizendo: “Sim, Senhor!” Uma ideologia fortemente presente e que existe desde a época da escravidão, quando os negros foram usados apenas para exercer serviços braçais, como já foi dito anteriormente. Vejamos, a seguir, o exemplo (3).

Exemplo 3 – Preto no branco.

Quando que preto anda de Carro?

Quando é preso.

Acessado em: 02/09/2015

Disponível em

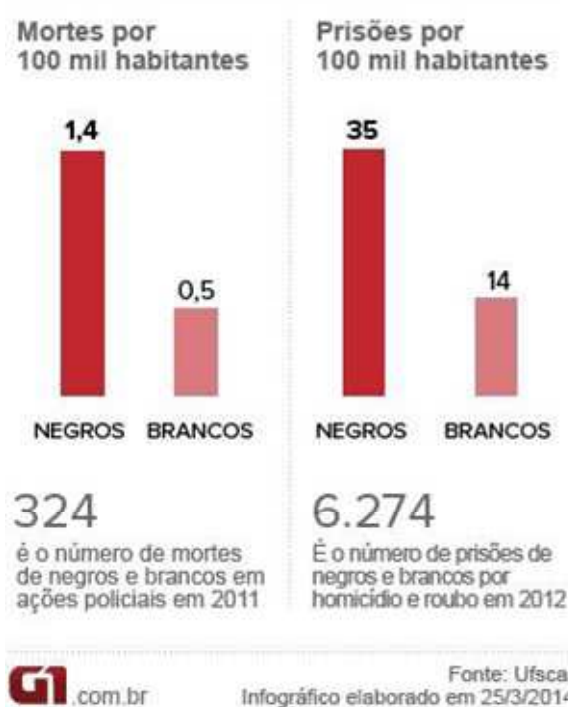
https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=536318379764954&id=507748302621962

Neste discurso racista, camuflado no discurso humorístico, percebemos outro estigma: o negro é um fora da lei, um criminoso, um ladrão, quando visto como humano. Este é o racismo institucional. Em outras palavras, o preconceito de uma instituição – a Polícia Militar – contra os jovens negros brasileiros. “Não é que o policial como pessoa tenha preconceito. É o modo como o sistema de segurança pública opera, identificando os jovens negros como perigosos e os colocando como alvos de uma política violenta e fatal”, afirma Jacqueline Sinhoretto, professora e pesquisadora da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).²

² Taxa de negros mortos pela polícia de São Paulo é 3 vezes a de branco, diz estudo. Matéria publicada em 26.03.2014. Disponível em <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/03/taxa-de-negros-mortos-pela-policia-de-sp-e-3-vezes-de-brancos-diz-estudo.html>

Letalidade e desigualdade

Estudo mostra perfil das vítimas da polícia em SP



Fonte: UFSCar Infográfico elaborado em 25.03.2014

Podemos supor que exista um “abuso de poder” por trás desse discurso racista, pois de acordo com Dijk (2008), esse “abuso de poder acontece quando há um interesse naqueles que exercem tal poder e está contra os interesses daqueles que são controlados”. São as elites institucionalizadas (poder público, escolas, religião, família) que controlam a prática social, dessa forma, detêm o poder e passam a exercer influências na reprodução ideológica.

Essa construção discursiva pode ser controlada de acordo com a influência que possui. Esse controle é exercido sobre a classe mais “baixa”, ou seja, sobre os mais fracos, tratando-se dos níveis socioeconômicos.

O preconceito racial é cada vez mais reproduzido nos discursos, veiculam ideologias fortemente marcadas na vida do afrodescendente, porém, esse preconceito fica camuflado por, aparentemente, não infringir a lei.

Entender questões sobre a identidade é fundamental para entendermos melhor como a sociedade molda a identidade de um sujeito. Nos estudos de cunho cultural, temos o conceito de identificação que corresponde aos desejos inconscientes remetidos a pessoas ou a imagens.

Percebemos que a cultura molda a identidade. É como se houvesse um modelo a ser seguido, um único modelo de identidade, que define quem está incluído e quem não está incluído na sociedade e isso é perceptível nos discursos que carregam questões raciais, a fim de estigmatizar a identidade do negro.

Os sistemas simbólicos fornecem novas formas de se dar sentido à experiência das divisões e desigualdades sociais e aos meios pelos quais alguns grupos são excluídos e estigmatizados. (WOODWARD, 2014, p. 20)

Vejamos o Exemplo (4), abaixo:

Exemplo 4 – O Negro e a Fórmula 1

Por Que é Que Não Tem Negros Na Fórmula 1? R: Porque Parados Já Fazem Cagada, Imagine A 300K/h....

Acessado em 03/05/2015

Disponível em www.sergeicartoons.com/piadas_engracadas_de_negros/

Glamour, luxo e público da alta elite da pirâmide social são os principais elementos que compõem o cenário da Fórmula 1, esporte dominado por europeus brancos e considerado um dos mais caros do mundo. Por ser um esporte de elite, atrai os olhares internacionais. Ainda que a máquina (o carro) seja o centro das atenções, a competência do piloto é fundamental, visto que é ele quem está no comando.

Afirma-se que o início da Fórmula 1 ocorreu em 1950, com campeonatos organizados pela FIA – Federação Internacional de Automobilismo.³ Em 66 anos (1950 a 2016), dos muitos pilotos que fizeram história neste esporte, se menciona a presença de apenas um afrodescendente: Lewis Hamilton.

A história de Hamilton é muito diferente da dos companheiros de pistas. Jovem de 23 anos nasceu em uma localidade próxima à Londres. Garoto pobre, sonhava em ser jogador de futebol, como um meio de ascensão social. Sonho comum nos jovens afrodescendentes. Em

³ Fórmula 1. Brasil Nova Escola. Disponível em <http://brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/formula-1.htm>

1998, a McLaren percebeu o potencial de campeão daquele garoto, na época com 13 anos. O menino mostrou a sua competência e passou a colecionar títulos e conquistar novas categorias do automobilismo, até chegar à Formula 1. Tornando-se um nome de destaque no famoso esporte de elite, derrubando barreiras culturais e sociais.

Figura 1 – Lewis Hamilton



Fonte: <http://marconegro.blogspot.com.br/2007/03/lewis-hamilton-o-primeiro-piloto-negro.html>

Porém, há uma história de bastidores que não se costuma comentar. O fato ocorreu em 1963, em Jacksonville, na Flórida, quando o piloto negro Wendell Scott, vencedor de uma prova do Nascar⁴, no dia 1º de dezembro, só recebeu o troféu, após o público ter ido embora.⁵

⁴ Uma associação automobilística norte-americana que controla os campeonatos de stock car.

⁵ Informações disponíveis em <http://marconegro.blogspot.com.br/2007/03/lewis-hamilton-o-primeiro-piloto-negro.html>

Figura 2: Wendell Scott



Fonte: <http://www.wendellscott.org/>

Como já havíamos mencionado, a cultura molda a identidade, determina quem é excluído e incluído no meio esportivo, situação percebida no Exemplo (4). Através do discurso humorístico, observa-se claramente o processo de exclusão de afrodescendentes não somente da Formula 1, como também de outras categorias que envolve os campeonatos de automobilismo, um grande espetáculo do mundo moderno.

Woodward (2014, p. 32) afirma que: “a etnia e a ‘raça’, o gênero, a sexualidade, a idade, a incapacidade física, a justiça social e as preocupações ecológicas produzem novas formas de identificação”. É possível compreender que as identidades são “criadas” através da diferença, através do que não sou, defino aquilo que sou, exemplo: sou católica, logo, não protestante.

3. MIKHAIL BAKHTIN: ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO

De acordo com estudos de Bakhtin (2006), a língua é vista como discurso, não podendo ser dissociada de seus falantes, é preciso vê-la de acordo com a esfera social do falante, tendo relevância os aspectos culturais e ideológicos.

O estudo dialógico do discurso é voltado para os discursos que circulam em uma esfera social e que apresentam relações de interação entre indivíduos. É através da linguagem que os discursos se firmam, de modo que pode haver um elo entre o que é dito, o que já foi e o que ainda será explicitado nos enunciados.

De acordo com Bakhtin (2006), o dialogismo surge no uso real da língua. Não se torna dialógico apenas no diálogo face a face, mas em todos os enunciados que se fazem presentes no processo comunicativo.

É entendido também como sendo um fator que estabelece sentido entre dois enunciados. É o enunciado que é dialógico e não as unidades da língua (sons, palavras, etc.). O enunciado é constituído dentro das relações dialógicas e sempre tem um destinatário, diferentemente das unidades da língua, carregam sentidos cheios de emoções, juízos de valor, etc.

Segundo Bakhtin, a língua, em sua totalidade concreta, viva, em seu uso real, tem a propriedade de ser dialógica. Essas relações dialógicas não se circunscrevem ao quadro estreito do diálogo face a face, que é apenas uma forma composicional, em que elas ocorrem. (FIORIN, 2006, p. 18)

Na teoria dialógica de Bakhtin (2006), o discurso não é algo criado isoladamente, mas ligado a outros enunciados já existentes que carregam sentidos. Assim, a preocupação do analista não é diretamente com a estrutura dos enunciados, mas com questões reveladoras de sentidos que neles são carregadas. Vejamos o Exemplo 5.

Exemplo 5 – Rolo compressor

Como se faz asfalto na África? Deita-se pretos no chão e passa o rolo compressor por cima.
--

Acessado em: 14/08/2016

Disponível em <http://minhaspiadas.blogspot.com.br/2012/06/como-se-faz-asfalto-na-africa.html>

É preciso atentar para o termo África, que está no enunciado apenas para dissimular o discurso racista. Entendemos que o real enunciado é “como se faz asfalto no Brasil?” E por que arriscamos fazer esta afirmação. Porque é no Brasil que “os moradores do asfalto têm visão preconceituosa em relação [aos moradores] da favela”.⁶ E também é do nosso conhecimento que a maioria da população negra brasileira reside nas favelas.

O termo *asfalto*, analisado sob a ótica bakhtiniana, é um signo ideológico. E como signo ideológico, “remete para algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideologia é um *signo*” (BAKHTIN, 2006, p. 31).

Observamos que no Exemplo (5), o signo ideológico *asfalto* remete para espaço de urbanização, de conotação social privilegiada, em oposição ao termo *favela*, outro signo ideológico que remete para lugar de mau aspecto, desagradável e desorganizado (HOUAISS, 2006, p. 1314).

O asfalto



⁶ Artigo de Opinião disponível em <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/moradores-do-asfalto-tem-visao-preconceituosa-em-relacao-a-favelas-4298.html>

A favela



Percebida, simplesmente, como uma palavra, não inserida em um enunciado, *asfalto* significa betume sólido, de um “negro reluzente” que se encontra na superfície de certos lagos (HOUAISS, 2006, p. 314). Costuma-se dizer, é bom lembrar, que o negro tem uma pele que brilha, que reluz.

A resposta ao questionamento “como se faz asfalto na África / no Brasil?” é “deita-se pretos no chão e passa o rolo compressor por cima”. Segundo Houaiss (2006, p. 247), a expressão *rolo compressor* remete para “agrupamento desordenado (de pessoas ou coisas)”. E esta referência lembra perfeitamente a ideia de *favela*. Por outro lado, não podemos esquecer que o *rolo compressor* é uma máquina que comprime, que esmaga, usada no processo de asfaltamento das ruas. E é isso que o discurso racista faz aos afrodescendentes, oprime, esmaga, intimida, humilha, marginaliza.

“Levantamento mostra que 47% dos cidadãos do asfalto nunca contratariam, para trabalhar em sua casa, uma pessoa que morasse em favela”. Esta é uma das afirmações feitas no Artigo de Opinião já mencionado (ver nota de pé de página pág. 28). A pesquisa, realizada pelo Instituto Data Popular, consultou 3.050 pessoas em 150 cidades de todo o país entre os dias 15 a 19 de janeiro de 2015. A única exceção é a cidade do Rio de Janeiro, explicada pela maior interação entre moradores do asfalto e de favelas. A pesquisa ainda revela que para os moradores do asfalto, a favela representa droga, violência. E mais, que os moradores das favelas, em sua maioria afrodescendentes, como já frisamos, seriam assaltantes. Essa, sem dúvida, é uma visão estereotipada, alimentada por noticiários policiais e por que não dizer, pelo discurso humorístico.

Na piada, nosso objeto de análise, percebemos de forma evidente que os enunciados carregam juízos de valor, sentidos que revelam diversos sentimentos, tais como, empatia, ódio, alegria, preconceito, entre outros.

Esses enunciados, segundo a teoria Dialógica do Discurso, tem ligações com outros enunciados já existentes, e sempre são destinados ao outro. Rojo e Barbosa (2015, p. 28) afirmam que “um enunciado serve para expressar, por meio da língua/linguagem, uma significação, uma apreciação a respeito do mundo, das coisas, dos outros ou de outros ditos”.

No gênero discursivo *piada*, o discurso humorístico camufla vários outros discursos (machista, político, institucional, preconceituoso, racista etc.), uma vez que esse gênero discursivo trata de temas polêmicos da sociedade.

Como Bakhtin (2003, p. 296) afirma, “todo enunciado concreto é um elo na cadeia da comunicação discursiva de um determinado campo”. Acreditamos, portanto, que por ser um elo, não há como voltar o olhar para um discurso de forma isolada. É preciso perceber o enunciado discursivo em relação com outros enunciados existentes.

Entendemos que há uma forte relação entre alguns enunciados existentes no tempo presente, em relação ao passado e ao futuro. E é nesta perspectiva dialógica dos discursos, que o sujeito é sempre social, pois insere-se na interação verbal e torna-se um sujeito ativo, posicionando-se de forma crítica acerca dos discursos com os quais dialoga, apresentando uma posição de aceitabilidade ou não acerca do que foi dito. O sujeito é sempre um sujeito social, visto que se constitui a partir de vozes sociais presentes nas relações dialógicas.

Com isso, entendemos que somente um estudo que tenha a língua como objeto de interação verbal possibilita a apreensão dessa multiplicidade de vozes e, conseqüentemente, a existência desse sujeito dialógico. (SANTOS, 2012, p. 248)

É através da linguagem que o indivíduo estabelece uma relação com a realidade, dessa forma, Santos e Lunardelli (2010, p. 4) afirmam que “o dialogismo se apresenta como princípio constitutivo da linguagem, que corresponde ao seu funcionamento real”. Em outras palavras, estabelece uma relação de sentido quando um enunciado une-se à outros discursos inserido em uma comunicação verbal.

3.1 – Discursos racistas e humorístico: um diálogo possível

Na civilização grega era comum ter momentos de riso e zombaria no convívio social e festividades (festivais religiosos). Os indivíduos entregavam-se ao riso autêntico e deixavam um pouco de lado os padrões habituais. Porém, o humor poderia ser perigoso e seu lugar na cultura tinha que ser limitado, pois sabiam que o humor tinha um lado desagradável. Fazer comparações também era típico dos cômicos, principalmente no aspecto popular dos casamentos e simpósios. Hoje em dia, o lugar conhecido como o local da fofoca é o salão de beleza (ideia machista), porém, na antiga cultura grega o lugar da fofoca era na barbearia, local evidentemente masculino.

O humor podia ser perigoso, e seu lugar na cultura tinha de ser limitado a ocasiões estritamente definidas. Os gregos sabiam muito bem que o riso poderia conter um lado muito desagradável. (BREMNER e ROODENBURG, 2000, p. 30)

O humor étnico era feito com piadas referentes aos gregos, o intuito era de afirmar uma identidade por meio da diferenciação e não uma crítica. A comédia Romana, mesmo sendo obviamente de Roma, não mudou a cena e manteve a localização na Grécia. Essa comédia criou um mundo desordenado de uma realidade invertida, era como um evento carnavalesco, que abandonava as regras da vida cotidiana.

Diante dessas afirmativas relacionadas ao humor desde a Grécia Antiga, percebemos que muita coisa não mudou, apesar da passagem dos séculos. O humor ainda utiliza-se de temas polêmicos da sociedade com o intuito principal de provocar o riso.

O que caracteriza o humor é muito provavelmente o fato de que ele permite dizer alguma coisa mais ou menos proibida, mas não necessariamente crítica, no sentido corrente, isto é, revolucionária, contrária aos costumes arraigados e prejudiciais. (POSSENTI, 1998, p. 49)

Como já foi falado, o discurso humorístico, em muitas ocasiões, apresenta um discurso preconceituoso existente na sociedade, como o discurso racista, que é aquele que nos interessa neste trabalho. Vejamos o Exemplo (6), a seguir:

Exemplo 6 – Padre racista

Um casal de negros tinha acabado de ter um filho e queriam batiza-lo na unica igreja de sua cidade so que o padre da igreja era racista e não queria batizar o menino.

Mas com muita insistencia o padre resolveu batiza-lo, e perguntou aos pais qual era o nome do menino, quando o pai muito sorridente lhe diz o nome do meu filho vai ser Ubirajara.

E o padre pergunta porque Ubirajara, E o pai do menino responde porque gosto muito da letra "U".

E o padre lhe diz porque você não coloca de URUBU...

Acessado em 02/09/2015

Disponível em http://www.sergeicartoons.com/padre_racista.htm

O urubu é um pequeno abutre que se alimenta, principalmente, da carne de animais mortos em estado de putrefação, conhecida popularmente como carniça. Quando não encontram tal carne para comer, os urubus comem animais como rato, sapos e lagartos. Os urubus comem qualquer tipo de carne animal em decomposição, incluindo corpos humanos, caso estejam ao alcance dessas aves. Portanto, é uma ave que não costuma cativar a simpatia dos humanos, por razões óbvias. E é com esta ave que, no Exemplo (6), um padre racista relaciona uma criança negra.

E este discurso racista, que dialoga com o discurso humorístico, não está muito longe da realidade. O fragmento, transcrito a seguir, do POEMA SUJO, de Ferreira Gullar, demonstra muito bem esse discurso racista, revelador do desprezo em relação aos afrodescendentes.

Eu nunca pensara antes que havia

uma história dos pássaros

embora conhecesse tantos

desde

o canário- da-terra (na gaiola

do seu Neco), a rolinha fogo-pagô

(na cumeeira da casa)

até o bigode-pardo

(que se pegava com alçapão no capinzal)

o galo-de-campina

parecia um oficial

em uniforme de gala;

o anum era um empregado

da limpeza pública;

o urubu, um crioulo

de fraque;⁷ *o bem-te-vi,*

um polícia de quepe

e apito na boca

sempre atarefado

O anum relacionado por Ferreira Gullar a “um empregado da limpeza pública”, ou simplesmente um gari, é também chamado de anum-preto. É uma ave encontrada facilmente no território brasileiro. Gosta de sol e toma banho na poeira, ficando a plumagem, às vezes, com a cor da terra ou de cinza e carvão. Para se aquecer aglomera-se em bandos desordenados, geralmente formados por sete a quinze indivíduos. Essa descrição da ave ajusta-se adequadamente à descrição de um indivíduo negro, na visão distorcida de um racista.

“O urubu, um crioulo de fraque.” O tom gozador e aparentemente bem humorado deste verso revela o discurso preconceituoso do poeta, que deve acreditar no quanto seria ridículo um negro (o crioulo) vestindo um fraque, um traje masculino usado em cerimônias especiais.

Em 1970, Ferreira Gullar é obrigado a deixar o Brasil. Foi em Buenos Aires, que o poeta escreveu, entre maio e outubro de 1975, o POEMA SUJO, o qual foi muito bem acolhido pelos intelectuais brasileiros. “É o mais importante poema escrito em qualquer língua nas últimas décadas”, afirmou Vinicius de Moraes. Otto Maria Carpeaux disse ser um “poema nacional”, uma verdadeira “encarnação do exílio”. E Clarice Lispector classifica-o de “escandalosamente belíssimo”.

⁷ Grifo nosso.

Será que nenhum desses intelectuais percebeu o discurso racista presente no poema ou seriam eles também tão preconceituosos quanto o poeta Ferreira Gullar, que já fez a seguinte afirmação: “a literatura deve ser defendida da invasão dos negros”. Negros ou urubus? O poeta defende que a intelectualidade é exclusivamente branca.⁸

Em outubro do corrente ano (2016), o Deputado Estadual Eduardo Braide (PMN), pelo Maranhão, e candidato a prefeito de São Luís, na ocasião, é acusado de chamar seu antigo professor de “preto urubu”. O professor Pedro Nery, conhecido como Pedro Grafit (alusão a cor de sua pele), declarou que Braide “tem se mostrado um bom rapaz, mas na verdade ele não passa de um ‘racista, preconceituoso e reacionário’”.⁹

Não apenas o termo *macaco* (Exemplo 2), como também o termo *urubu* (Exemplo 6), são ambos usados com a intenção de demonstrar o desprezo do indivíduo de pele clara pelo indivíduo de pele mais escura.

Também no Exemplo (6) observamos um discurso religioso preconceituoso. E tal discurso não causa nenhum estranhamento, visto que não se tem notícia de um Papa afrodescendente, com também só temos conhecimento de um santo negro, o São Benedito. Este também vítima de discurso racista dialogando com o discurso humorístico. Ver Exemplo (7) e (8), a seguir:

Exemplo 7 – Empréstimo a São Benedito

O bêbado vai à igreja e sarrupia uma nota de cinco Reais de uma bandeja em frente a uma imagem de São Benedito.

- Empréstimo aí, negão! Depois te pago!

E sai em direção ao boteco quando um guarda, que tinha visto o episódio, bate em suas costas.

- Escuta, meu chapa, vá devolver o dinheiro do santo senão te boto em cana.

⁸ Disponível em <http://www.cadaminuto.com.br/noticia/150801/2011/12/18/noticias>

⁹ Racismo: Eduardo Braide é acusado de chamar professor de “preto urubu”. Disponível em <http://www.netoferreira.com.br/politica/2016/10/racismo-eduardo-braide-e-acusado-de-chamar-professor-de-preto-urubu/>

O bêbado entra de novo da igreja, deposita o dinheiro no lugar onde estava e reclama:
- Pô, negão! Qualé a tua? Eu falei que ia devolver, não precisava dar parte na polícia!

Acesso em 27.10.2016

Disponível em <http://www.clickgratis.com.br/piadas/bebados/emprestimo-de-sao-benedito.html>

Exemplo 8 – Piada de bêbado

O cara comprou um bode e o amarrou no alto do morro no pé da estátua de São Benedito. Num dia de muita chuva ele subia a ladeira cheio de cachaça, quando derrepente o bode arranca a estátua e desce em sua direção a mil. Então o cara grita: Segura o bode crioulo filho da puta

Acesso em 27.10.2016

Disponível em <http://www.piadas.com.br/piadas/bebados/sao-benedito>

Podemos perceber a intimidade com que São Benedito é tratado (negão, crioulo, filho da puta) pelos indivíduos alcoolizados. Essa forma de tratamento informal demonstra a ausência de respeito ao Santo. E por que esse tratamento é “aceitável” socialmente? Simplesmente, porque o Santo é um afrodescendente, não se faz necessário tratá-lo como uma autoridade.

Nossa Senhora Aparecida, proclamada pela Igreja católica como a padroeira do Brasil, é conhecida, também, como a “santa negra”. Outros preferem dizer a “santa morena”, o que já demonstra o preconceito.

Afirma-se que Maria, a mãe de Jesus, costuma assumir as características físicas dos seus filhos. Camponesa, em Lourdes, na França; traços indígenas, no México. Nossa Senhora Aparecida recebe esse nome porque foi encontrada nas águas por pescadores e um dos seus milagres, é atribuído à libertação de um escravo.

No humor, os negros, geralmente, são tidos não como pessoas, mas como coisas, como animais. É a mesma visão que representava os negros na época da escravidão, ou seja, a perda das características que o humanizam.

3.2 – A constituição do discurso racista no gênero discursivo piada

Como vimos no capítulo anterior, o humor trata de temáticas politicamente incorretas, ou seja, que carregam um preconceito camuflado. Aqui, especificaremos, já que tratamos diretamente do gênero discursivo piada e a constituição do discurso racista nesse gênero. Possenti (1998) classifica três motivos essenciais que explicam o porquê de as piadas serem importantes para os estudiosos.

Primeiramente, “só há piadas sobre temas que são socialmente controversos” (Possenti, 1998, p. 25). Como o caso do discurso racista, que gera mais preconceito para com o negro. Em segundo lugar, “as piadas operam fortemente com estereótipos. Assim, fornecem um bom material para pesquisas sobre ‘representações’, por exemplo.” E, terceiro, “as piadas são interessantes porque são quase sempre veículo de um discurso proibido, subterrâneo, não oficial, que não se manifestaria, talvez, através de outras formas de coletas de dados, como entrevistas” (p. 26).

Por ser um gênero discursivo de cunho humorístico, a piada aborda temáticas que estão cada vez mais refletidas na sociedade, revelando o preconceito.

Se se quiser descobrir os problemas com os quais uma sociedade se debate, uma coleção de piadas fornecerá excelente pista: sexualidade, etnia/ raça e outras diferenças, instituições (igreja, escola, casamento, política), morte, tudo isso está sempre presente nas piadas que circulam anonimamente e que são ouvidas e contadas por todo mundo em todo o mundo. (POSSENTI, 2001, p. 72)

Dessa maneira, entende-se, de forma evidente, que a piada pode/deve ser utilizada em estudos da linguagem e, principalmente, decorrente de um estudo Dialógico do Discurso, por apresentar mecanismos que dão suporte, que evidenciam como o discurso funciona em contextos sociais, acionando outros discursos já existentes.

As piadas também podem servir de suporte empírico para uma teoria mais aprofundada e sofisticada de como funciona uma língua, especialmente porque se trata de um corpus que, além de expor traços do que nela é sistemático (gramatical) e, paradoxalmente, ‘desarrumado’, contribui para deixar muito claro que uma língua

funciona sempre em relação a um contexto culturalmente relevante e que cada texto requer uma relação com outros textos. (POSSENTI, 2001, p. 72)

A piada ainda apresenta um discurso indireto, justamente por apresentar discursos proibidos socialmente, como o discurso racista, discursos que se fossem apresentados de maneira aberta, criariam problemas. Dessa maneira, entende-se a questão do equívoco que a linguagem pode apresentar, em se tratando do sentido. Nas piadas é fácil ver uma palavra ambígua, ou seja, que apresenta mais de um sentido e que abre caminhos, justamente, para produzir o efeito de humor, o que parece ser óbvio, na verdade passa a não ser, e é esse sentido menos óbvio que abre espaço para os estudos linguísticos. Vejamos o Exemplo (9), a seguir:

Exemplo 9 – O anjo

Por que preto não vira anjo? Porque se criar asas vira morcego.

Acessado em 02/09/2015

Disponível em <http://www.p69.com.br/piadas-de-preto/>

No Exemplo (9) repete-se a relação negro / animal, desta vez com o morcego, animal de hábitos noturnos, e que assemelha-se com o rato. No Ocidente, o morcego está associado à morte, trevas, magia negra e bruxaria. Por esta razão, é um animal temido pela grande maioria das pessoas. Os anjos, pelo contrário, são percebidos como seres celestiais, criados com o objetivo único de dar glória e cumprir a vontade de Deus. Comumente são representados por crianças brancas, sendo assim relacionados à pureza, aos bons sentimentos, à obediência.

3.3 – A ambiguidade: o gatilho provocador do riso

Fenômeno muito observado em nosso objeto de estudo: a ambiguidade. Segundo Possenti (2000, p. 66), “a ambiguidade é um ingrediente necessário para a produção do efeito de humor”.

O fenômeno da ambiguidade é explorado no estudo do gênero discursivo piada com o intuito de mostrar a opacidade no discurso, aquilo que está por trás e é constitutivo do humor. A respeito disso, Possenti (1998, p. 37) diz que “a propósito de sentidos, as piadas ilustram de forma brutalmente clara a tese da ambiguidade, ou, ainda melhor, do equívoco que a linguagem pode produzir.”

De acordo com as gramáticas, a ambiguidade é percebida como uma plurissignificação. As gramáticas consideram que “a ambiguidade é um vício (de linguagem, mas que, de fato, é atribuído ao falante: ele pensaria confusamente), e não uma característica fundamental das línguas” (POSSENTI, 2001, p. 73-74).

A gramática trata da ambiguidade como um fenômeno realizado pelo falante, e não algo atribuído a língua. Em estudos realizados acerca desse fenômeno, dá-se atenção a dois tipos de ambiguidade: o sintático e o lexical.

O primeiro refere-se quando ocorre de uma construção sintática revelar dois ou até mais sentidos, ou seja, em sua estrutura não apresentar a qual construção semântica está se referindo. O segundo tipo é aquele cujo item lexical corresponde a mais de uma interpretação, já que o mesmo não tem sentido fixo, pois pode variar em diversas circunstâncias sociais.

A sintaxe desempenha diferentes possibilidades de combinação entre palavras. Porém, devemos entender que a ambiguidade não é limitada apenas as diferentes possibilidades de estrutura sintática pois, existem ambiguidades estritamente semânticas com um item lexical ambíguo. Vejamos esta ocorrência no Exemplo (10), a seguir:

Exemplo 10 – O lixão

Se um preto e um português jogam bola num lixão, quem ganhará o jogo?
O preto, pois está jogando em casa!!!!

Acessado em: 27/10/2016'

Disponível em: <http://pretroveio.blogspot.com.br/2011/06/piadas-de-pretos.html>

Temos conhecimento que a expressão “jogar em casa” na fala futebolística significa jogar no seu país, na sua cidade ou até mesmo no seu estádio. Trata-se, portanto, de uma

localidade onde costumeiramente o time costuma jogar / treinar. Dessa forma, os jogadores têm familiaridade com o local, sentindo-se em casa. O sintagma “em casa”, no Exemplo (10), sugere não somente que o indivíduo negro sente-se em casa no lixão, mas também insinua que este, o lixão, é literalmente a sua casa, ou seja, a sua residência. Podemos afirmar que estamos diante de uma ambiguidade lexical.

A significação das palavras não é fixa, nem estática. A nossa criatividade amplia o significado do nosso léxico. Assim, um item lexical pode deixar de apresentar apenas a ideia original (básica e objetiva), remetendo a novos conceitos por meios de associações, dependendo do momento da enunciação.

O lixão é um lugar de extrema pobreza. Sem água, nem saneamento básico, depósito de resíduos sólidos gerados pela atividade humana. Um lugar degradante, portanto, impensável para um ser humano viver. Dizer que o negro sente-se “em casa” no lixão, é afirmar que o negro faz parte daquele espaço, que ele é um lixo (um lixo social). É dizer que ele é desleixado com sua higiene pessoal e com o meio onde vive. É responsabilizá-lo por sua própria desgraça.

A ambiguidade é um recurso que tanto pode prejudicar a compreensão, quanto pode dar leveza ao enunciado, tornando-o malicioso em sua dubiedade. É também uma qualidade que permite duas ou mais interpretações de um mesmo enunciado, isso não quer dizer que é algo impreciso, pelo contrário, é planejado.

Mas quem escreve, deve ter muito cuidado no uso de construções e palavras ambíguas. Se não forem planejadas, intencionais e escolhidas comprometem a clareza do texto e tornam-se um obstáculo à comunicação. (CARVALHO, 1999, p. 57)

Como Vale (2010, p. 203) afirma, a ambiguidade “passa a ser estudada como um fenômeno discursivo possível de ser analisado em enunciados os mais diversos”. É um fenômeno que apresenta a plurissignificação da língua, e também os equívocos que a linguagem pode apresentar.

Dessa maneira, entende-se o fato de explorar neste trabalho o fenômeno da ambiguidade, já que dá suportes para transparecer a opacidade apresentada no gênero analisado, e ainda por a piada ser um gênero que apresenta em seu enunciado os vários sentidos, tanto na estrutura sintática, quanto em um determinado termo lexical.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho abordamos, de forma significativa, a temática do racismo, veiculada ao discurso humorístico, especificamente, no gênero discursivo piada. Buscamos alcançar objetivos que indicariam um provável surgimento do preconceito para com os negros desde a época da escravatura, e que isso poderia ser constatado nos discursos racista e humorístico que aqui foram analisados.

A hipótese apresentada foi confirmada, pois o preconceito racial começou a ser instaurado no discurso humorístico quando esse discurso começou a carregar ideologias fortemente marcadas na sociedade direcionadas aos grupos menos favorecidos. Veiculam, no discurso humorístico, preconceitos camuflados no meio social, ou seja, discursos que são politicamente incorretos e que deveriam ser evitados na sociedade por atingirem, de forma cruel, determinadas etnias.

Como objetivo geral, nos propusermos a analisar, no discurso humorístico, o discurso racista no gênero discursivo piada, especificamente esperávamos verificar os fatores sócio-históricos-culturais que marcaram ideologicamente o preconceito racial camuflado no discurso humorístico e revelarmos esse preconceito através do fenômeno da ambiguidade atentando para os discursos humorístico e racista.

Constatamos que é perceptível nesses discursos (humorístico e racista) que o preconceito racial tornou-se evidente e forte ao mesmo tempo, pois apresenta ideologias que ficaram fortemente marcadas na sociedade desde a época da escravatura e que persiste até os dias atuais.

Pelo fato dos negros terem sido escravizados, comercializados como se fossem produtos e também por terem que suportar a ideia de ver outros povos vindos de outros países explorarem suas terras, foi criada uma imagem negativa desse povo que é tido como ser inferior apenas pelo fato de ser negro. São tidos como inferiores, que não podem exercer cargos de prestígio na sociedade e sofrem com o preconceito.

Verificamos o preconceito instaurado nos discursos humorístico e racista através do fenômeno da ambiguidade, quando revelam diferentes sentidos e transpareceram, no discurso,

o preconceito direcionado aos negros, tanto na estrutura sintática quanto em um determinado léxico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Manuel Correia de. *O Brasil e a África*. São Paulo: Contexto, 1989.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch / VOLOCHÍNOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. 12. ed. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006. (Linguagem e cultura, n. 3).
- BREMMER, Jan & ROODENBURG, Herman (Orgs.). *Uma história cultural do humor*. Tradução de Cynthia Azevedo e Paulo Soares. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- CARVALHO, Nelly. *A palavra é*. Recife: LIBER, 1999.
- FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006. p. 18-76.
- HALL, SILVA & WOODWARD. *Identidade e diferença: as perspectivas dos Estudos Culturais*. 3. ed. Tradução e organização de Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis (RJ): Vozes, 2004.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In.: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 151-166.
- MÜLLER, Ana Lúcia de Paula e VIOTTI, Evani de Carvalho. Semântica formal. In.: FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à lingüística II: princípios de análise*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005, p. 137-159.
- NEVES, J. L. *Pesquisa Qualitativa: características, usos e possibilidades*. Cadernos de Pesquisas em Administração. v. 1, n° 3, p. 1-5. 2° Sem./ 1996.
- PINSKY, Jaime (Org.) *12 faces do preconceito*. São Paulo: Contexto, 1999.

POSSENTI, Sírio. *Os humores da língua: análises lingüísticas de piadas*. Campinas (SP): Mercado de Letras, 1998.

POSSENTI, Sírio. O humor e a língua. *Ciência Hoje*, v. 30, n. 176. Outubro de 2001, p. 72-74.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: abordagem de Bakhtin. In.: MEURER, José Luiz (et alli). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2007. Língua(gem) n. 14], (p. 152-183).

ROJO & BARBOSA. *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SANTOS, R. F. dos; LUNARDELLI, M. G. A Visão Dialógica do Discurso. II *Seminário Nacional em Estudos da Linguagem: Diversidade, Ensino e Linguagem*. p. 1-7. Cascavel, 2010.

SANTOS, E. P. dos. Gêneros discursivos: uma abordagem dialógica da linguagem. *Revista FSA*. n. 9. p. 242-259, Terezina. 2012.

VALE, Alfredina R. O. do. *Na construção da identidade do sujeito mulher a piada é coisa séria*. 2010. 211 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2010.

VAN DIJK, Teun A. (Org). *Racismo e Discurso na América Latina*. São Paulo: Contexto, 2015.

VAN DIJK, Teun

A. *Discurso e poder*. Tradução de Hoffnagel, J. & Falcone, K. (Orgs.) São Paulo: Contexto, 2008.